A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.° 13 | Domingo 26 de março | 1893

O PRINCIPE REAL

COMPLETOU agora seis annos S. A. o Principe Real D. Luiz Fillipe, duque de Bragança, e consagrando-lhe hoje a *Semana de Lisboa* o seu *medalhão*, não é possivel, todavia, acompanhal-o de uma biographia do herdeiro do throno portuguez.

Aos seis annos não se tem biographia. Não se vale pelo passado, nem mesmo pelo presente, mas apenas pelo futuro. Seis annos não são uma historia, são uma esperança!

O que é essa esperança?

Se, como nos bons tempos ultra-lendarios de *Dona Caróchinha* e da *Bella e a Fera*, se podesse presumir que á natividade do Principe houvesse concorrido, como n'essas historias de principes encantados, um congresso de generosas fadas, trazendo, uma a dadiva da belleza, outra o dom da intelligencia, uma terceira o apanagio da coragem, e assim tudo o mais — seria facil, talvez, recorrendo ás artes do néo-feiticeirismo das *mezas fallantes*, representado na Côrte pelos mais conspicuos bruxos, seria facil, iamos dizendo, compor o horoscopio do futuro Rei dos actuaes meninos portuguezes.

Mas não. O tempo das fadas passou, e a necromancia das mezas evocadoras dos espiritos, desde que interrogada uma vez sobre o numero da *sorte-grande* seguinte, nada respondeu, ficou bastante desacreditada.

Deixemo-nos, pois, de artes magicas, e no puro dominio das coisas terrenas consideremos apenas o gentil Principe, risonho enlevo de seus Pais, os amados Soberanos de Portugal, como viçoso rebento de uma arvore grandiosa e secular, variamente enxertada, e no qual devem florir todos os attributos da herança, modificados por todos aperfeiçoamentos da mais severa e sublimada educação.

*
* *

Botão de rosa, não o ha mais perfeito e mimoso! Que rosa sahirá, porém, d'esse botão, ainda indefinido, cujo pé se entronca em tão grandiosas florescencias dynasticas?

Será a rosa de Aviz? A rosa de Bragança? A rosa de Saboya? A rosa de Orleans? Que em todas estas estirpes tem o principe as raizes do seu ser!

De tudo haverá sem duvida: o espirito aventureiro e civilisador de Aviz, a bondade intima e a aptidão artistica de Bragança, o brio guerreiro de Saboya, a forte e adaptavel intelligencia de Orleans.

O que avulta, porém? O que prepondera? O que define e caracterisa já a individualidade nascente do Principe Real?

O Principe não é, nem um francez, nem um italiano, nem um allemão, nem um hespanhol, nem um inglez, apesar da mistura de raça, tão peculiar ao sangue da realeza em toda a Europa.

É um portuguez: elle o sente e elle o diz!

Tinha quatro para cinco annos, brincando um dia no parque da Pena, um visitante ingenuo, que se recreava na contemplação da formosa e loura creança, pensou

alto: «Parece mesmo um inglez...» «Pois sou portuguez,—cioso redarguio logo o Principe, voltando-se para traz—portuguezissimo!»

Sim Principe, sois portuguez, e com a graça de Deus sereis um grande e portuguezissimo portuguez, que revivereis os vultos mais prestigiosos de vossa familia portugueza!

No Principe se divisa, effectivamente, na sua mystica e ainda infantil preocupação de Deus, a estirpe dos Braganças, que se filia, pelo lado do coração, em Nuno Alvares, o Santo Condestavel, indomavel aos homens e humilde a Deus.

Sua tia a Princeza Izabel de Orleans fallava um dia de alguma coisa que achava *ravissant*. O Principe meneiou gravemente a cabeça e observou: «Qu'est-ce qui est ravissant?» E respondeu elle mesmo: «Le Bon-Dieu!» —Vendo, uma tarde uma estrella muito brilhante, tinha quatro annos, disse: «Oh, que linda estrella! Será a que annunciou Deus?»—E perante os grandes espectaculos da natureza, que tanto o encantam, muitas vezes a sua admiração a formula baixinho n'esta expressão de religioso reconhecimento: «Bem dito, seja Deus!»

Tem do lendario Infante D. Henrique o encanto vagamente poetico, e quizera elle tambem do alto do promontorio de Sines, á hora do sol poente, que na cidadella de Cascaes tanto o fazia scismar, embeber-se na contemplação do infinito da natureza, em que a alma toda se lhe enleva.

Do Rei D. Duarte, o *eloquente*, possue o primordio de um espirito reflexivo e de uma palavra, que já se prevê conceituosa, logica e litteraria.

Eis alguns traços.

Muito pequeno ainda, deram-lhe dois bonecos, um maior do que o outro, dizendo-lhe que o mais pequeno era naturalmente filho do maior. Depois de madura consideração, observou o Principe: «A Avó de Paris é Mãe da Mamã, e a Mamã é mais alta».—Um dia fôra máo com seu irmão o Infante D. Manuel, pelo quê foi castigado. Sahindo n'este mesmo dia, viu uma creança da rua, que batia n'outra. Ao chegar ao Paço, communicou o facto n'estas palavras de profunda allegoria e que valem um exame de consciencia: «Vi um espelho!»

Os seus conceitos são nitidos, respiram poesia, e affectam muitas vezes um sabor delicado, quasi litterario, diziamos.

Bem pequeno ainda, succedeu accordar um dia mais cedo. Quiz-se levantar. «Adormeça, observou a sua aia. Ainda não é dia!» «É, disse o Principe, apontando para as frinchas. Não vê as janellas? Já estão enfeitadas pelo sol!»—E mais pequeno ainda, perguntando-se-lhe para que estava olhando com tanta attenção por uma janella do jardim respondeu: «Estou a ver o pouco que as arvores se mexem.»

Ha dias mostrava-se muito satisfeito com a ideia da approximação do seu anniversario. Alguem explicou que era por causa dos presentes. «Não é nada d'isso, atalhou o Principe. E' porque n'esse dia começa a primavera, e eu sei que depois d'isso hei-de encontrar na Tapada as flôres de que gosto.»

E esta mesma precocidade sentimental não lembra tambem o romantico D. Sebastião? Lembra.

E mais se affirma a recordação, quando se saiba que o Principe tem egualmente a preoccupação africana. Não já, é claro, contra os mouros, mas contra os inglezes. Passando um dia em Belem na salla de entrada, mostraram-lhe um official que vinha d'Africa. Correu logo para elle, e ancioso desfechou-lhe a seguir estas perguntas: «Mataram muitos pretos n'Africa? Os inglezes atacaram por lá alguma coisa? Volta para Africa?»

Finalmente, e aproximando-nos dos tempos modernos, quem a indole do Principe mais póde lembrar entre os monarchas portuguezes é o rei D. Pedro V. Prendem-no a elle todos os attributos psychologicos, d'aquella gravidade e intelligencia pelas quaes o reconhecemos já um descendente espiritual do rei Duarte, accrescentando-se a isso o amor innato das coisas simples e humildes e um quasi religioso respeito do trabalho.

Nada para elle é, effectivamente, mais sugestivo do que os machinismos industriaes. Nada lhe levanta mais o coração do que a ideia do *ferreiro na sua forja*. Chegou a ter uma blusa e um avental, e sujava as mãos de proposito.

E quando um dia lh'o observaram, respondeu triumphantemente: «São mãos de trabalho!»

* * *

Tal é o Principe, o presumptivo herdeiro da Corôa, que o Pai adora, que a Mãe estremece, e que ambos, com a maior e mais attenta sollicitude, educam para o alto destino que lhe compete entre os portuguezes. Porque, em verdade, quanto ahi fica referido, por extraordinario que pareça, é strictamente documental, e não producto de imaginação.

E se no ovo está a aguia, no botão a flôr, e na creança o homem, a esperança que hoje se consubstancía n'esse sublime infante, que ha-de ser o Rei de nossos filhos, é grande e promettedora!

Grande e promettedora, porque se as monarchias vivem da tradição, cuja pureza e constante rememoração lhes é indispensavel, vivem tambem dos interesses do dia a que teem de conformar-se, e ao seu precoce culto idealista de Deus e da Patria, tal como resalta das mais bellas paginas da *Historia de Portugal*, o Principe allia, em germen e no mais natural e intimo consorcio, no seu amor dos simples e no seu respeito pelo trabalho rude, a propria essencia do espirito da democracia moderna.

Assim, Luiz Filippe será ou não um Rei afortunado, mas será por certo, tal se nos affigura, um Rei com ideal!

A sua tendencia, já gravemente sentimental, o seu natural pendor para os conceitos justos e profundos, a sua alma nativamente aberta e orientada, tanto ás coisas sublimes, como ás coisas modestas, tudo prenuncia, effectivamente, no Principe — se é licito fazer vaticinios a tão grande distancia da idade viril — mais um idelalista, do que um opportunista.

Mas comprehendel-o-hão os seus subditos, os homens de amanhã?

Mães portuguezas, imitai a Rainha de Portugal e educai os vossos filhos, afim de que se possam identificar com o seu Rei, para gloria e prosperidade da Nação!

Inspirai-lhes um ideal, incuti-lhes o temor de Deus e a crença na Patria! Ensinai-os a praticar o trabalho, o grande dignificador da especie, e a admirar a natureza, tão prodiga de consolações para todas as dôres humanas! Educai-os no amor das coisas simples e na mais incondicional confraternidade moral dos sêres humildes!

EGAS.

POLITICA SEM POLITICA

Ninguem, certamente, tem notado que o governo esteja hoje mais aballado do que no dia em que tomou conta das pastas. Antes pelo contrario, a sua serenidade e discrição teem tendido a concitar-lhe algum favor.

Em Portugal, não se tem effectivamente manifestado signaes de maior opposição, e assim é levemente extranho que os primeiros tiros partam do estrangeiro.

Pois é o que succede!

N'um jornal estrangeiro acabamos de ler uma doce carga no ministerio, com o lugubre vaticinio que elle não durará mais do que semanas.

Como se explica este conhecimento tão... especial das cousas portuguezas, e este zelo tão entranhado pela nossa politica?

Ah! não sabemos, ao certo, mas não estranhariamos que o sr. Fuschini, que é especialmente visado, tivesse introduzido qualquer modificação nas *despezas de publicidade;* menos propicia ao articulista.

De facto, ouvimos que o sr. Fuschini resolvera acabar com as referidas despezas, e que até por tal circumstancia vinha do estrangeiro, caminho de Lisboa, um mensageiro, encarregado por outros, e talvez tambem por si mesmo, de suster, em nome dos mais sagrados interesses... da patria, essa deliberação, algo contundente.

Suspendeu ou não o sr. Fuschini as referidas *despezas de publicidade?*

Elle o sabe, mas se assim fez andou bem.

Custam essas despezas, de *publicidade* chamadas, uma bôa conta, que não participa ella d'essa publicidade, porque é o que propriamente se chama *uma conta calada.*

E para que servem afinal?

Se se tratasse de encobrir a situação portugueza e obstar a uma *debacle*, poderia o governo julgar-se obrigado a precaver-se contra as noticias alarmantes, cedendo mesmo ás *chantagens* jornalisticas.

Desde, porém, que já não ha nada que evitar, que o credito do paiz não pode ser mais arrastado do que o tem sido, pagar ainda em cima para engordar alguns plumitivos mercenarios, affigura-se-nos, alem de tudo, ridiculo.

É uma especie de *sganarelisação*, que em nada contribue para o prestigio e decoro de Portugal.

Portanto, se tudo quanto dizemos é assim, a resposta do sr. Fuschini ao mensageiro não poderá ser outra senão esta:

Irmãosinho, tenha paciencia. Não pode ser!

Ou, vertido para hespanhol:

Cigarrilla no hay!

Impoliticus.

DEZ DIAS!

Ha dez dias, amor, que te não vejo;
E é tão funda a saudade e anciosa a dôr,
Que inda não vi, té'gora, um só lampejo
De socego e de paz, ó meu amor!

É tão afflicta a mágoa d'esta ausencia,
É tão ardente a ancia de te ver,
Que eu não sei como possa esta demencia
Illudir, como deve, e adormecer.

Ando alheio de tudo e meio surpreso,
Arredio da luz, como um ladrão,
Oscillando, a tremer, perdendo o vezo
De assentar, com firmeza, o pé no chão.

Trago-te, em nuvens de oiro, desenhada
Na minha doida e larga phantasia,
A pensar em que vives occupada
Cada momento e hora, em cada dia.

Ouço cantar a melopéa triste
Da canção popular que tu conheces;
Sempre a minh'alma, ao teu redór, assiste,
Quando, em visões doiradas, amanheces.

Ouço cantar... em convulsões de pranto,
Entra commigo um zelo incomportavel...
Cae, de bem alto, o sonho que alevanto,
Que eu nem tenho direito... ah, miseravel!

Eu não tenho direito... amar faminto,
Trazer-te viva em intimo sacrario,
E não poder sahir do labyrintho
Do meu tropel de maldições mortuario!

E não poder sahir do escuro fojo
Onde me traz a maldição de Deus!
Arrastar-me na sombra, andar de rojo,
Nunca poder subir o olhar aos céos!

Não poder uma vez, em minha vida,
Quebrar algemas, n'um arranco ardente,
E correr a gritar, de alma perdida:
—«Deus de piedade, eu amo doidamente!»—

LUIZ OSORIO.

CHRONICA ELEGANTE

Na semana que vae entrar, consagrada pela Egreja á commemoração da Paixão de Jesus, esquecem-se por um momento as distracções e prazeres mundanos, e cada um, no recolhimento da sua consciencia, medita quanto é ephemera e enganadora a vida, ainda quando os bens da fortuna proporcionem ao corpo todos os regalos e todas as delicias.

A Egreja representa a divina tragedia do Calvario, e mostra-nos Jesus, que, para remir os erros e culpas da humanidade, se deixou crucificar no cêrro de uma montanha, tendo, na hora extrema da agonia, uma palavra de perdão sublime para a impiedade brutal dos seus algozes.

É a semana consagrada á contricção e á penitencia. Fecham-se os salões e os theatros. E as elegantes senhoras que, ainda hontem ali se apeiavam das suas carruagens, deslumbrando os olhos pelos encantos da formosura e pela riqueza dos vestuarios, vão caminhando agora, todas vestidas de negro, como n'uma piedosa romaria, para entrar nos templos, em que se celebra, por entre as luzes funereas dos altares e o immaculado incenso dos thuribulos, a divina paixão e morte do Redemptor. Em vez dos pequeninos *carnets* de setim em que nos bailes se inscrevem os nomes dos pares das valsas, levam agora o negro Missal das orações.

Esqueceram entre o velludo dos *écrins* as pedrarias com que adornavam a alvura palpitante dos collos, e ali, na severa penumbra dos templos, se alguma coisa scintilla, é uma ou outra lagrima de arrependimento, que, n'um extremo de commoção, deslisa brandamente pela face, como um pequenino diamante que se desprende d'um engaste precioso.

Mas como pelo fervôr da oração e pela sinceridade do arrependimento todas as culpas se redimem, e não ha sacerdote que, em nome de Deus, se não compadeça, ao vêr prostrada a seus pés, com as mãos postas em supplica e os olhos levantados para o ceo, uma formosa creatura que ali confesse humildemente os seus erros, vem o perdão misericordioso alliviar e consolar todas as consciencias, e deixa que as delicias e regalos do mundo de novo attraeam as elegantes peccadoras — ainda que não seja senão para terem de que se arrepender, decorrido um anno, na proxima epocha da confissão.

E ainda bem que assim succede, para satisfação do Baltresqui, que faz confeitos, do Macario, que toca valsas, e de *Graziel*, que faz as chronicas.

GRAZIEL.

CONSELHOS E RECEITAS DE D. CLARA

OS DOENTES

No penultimo numero aconselhava D. Clara a maneira de melhor dispôr n'uma casa um quarto especial para doentes, consoante as prescripções dos homens de sciencia.

Installado, pois, o doente de modo a tornar-se-lhe menos penosa a enfermidade e mais facil a cura, resta ainda indicar alguns meios de se lhe ministrar os remedios, principalmente os que pelo aspecto ou pelo sabor lhe são mais repugnantes.

Para mais facilmente um enfermo tomar qualquer remedio que lhe provoque nauseas, deve fazer o possivel para que esse remedio lhe não toque nos labios. Basta para isso introduzir na bocca e apertar entre os dentes o gargallo d'um frasco que contenha a dóse prescripta pela receita. Livrará assim os labios do contacto do remedio. O gosto persistente e tão amargo da quassia e da strychnina, por exemplo, evita-se, aconselhando o doente a mastigar e a engulir um bocado de pão, a fim de limpar bem a lingua. Para mastigar o quinino, tão horrivelmente amargo, dá-se ao doente para que mastigue antes e depois da ingestão um pouco de raiz de alcaçuz. Para engulir os remedios que teem um gosto desagradavel, basta apertar o nariz entre os dedos antes que o olfacto e o paladar possam sentir o cheiro da droga. Em seguida lava-se immediatamente a bocca, conservando sempre as narinas apertadas.

Alguns remedios, taes como os que conteem ether sulphurico ou ammoniaco, se não tiverem sido bem diluidos, produzem no doente uma sensação desagradavel, que é conveniente evitar; e para isso se conseguir bastará diluir mais abundantemente o medicamento.

Estes meios indicados se são convenientes para ministrar os remedios aos adultos, muito mais o são quando se trata de creanças, naturalmente indispostas para tomar qualquer medicamento que lhe seja repugnante á vista, ao olfacto ou ao paladar.

FOLHETIM

AQUELLA CASA TRISTE...

(1872)

I

Trasmontada a linha, e festejado o passo com descantes da maruja, o céo entrou de nublar-se, a nortada a ringir nas gaveas os silvos agoureiros, e o piloto esperto a encarar mui fito em um nevoeiro que se acastellava, sobre noite, á volta do sol esmaecido. Era em fevereiro de 1869.

Ao repontar a manhã do dia seguinte, o mar urrava acapellado, as nuvens desciam a sorver as ondas que se encurvavam, o sol apenas entreluzia frio e marmoreo na baça claridade da manhã.

Ao meio dia, o escurecer fez-se rapido e pardacento como um crepusculo de noite invernosa.

Bravejou subita furia de mar, apenas colhido o velame.

O piloto vira terra, e cobrára alento na esperança de aproar a Cabo Verde, com quanto se temesse d'aquella costa infamada de muitos naufragios, desde que portuguezes se andam á cata de ouro e opprobrio por entre os colmilhos da morte, na espadoa das tempestades, a braços com a ira de Deus e dos homens.

Noite alta, estrondeou no cavername da galera um como estampido de peça que detonasse dentro.

Deolinda foi colhida nos braços do pai, quando resvalava da camilha ao pavimento, com o livro das suas orações nas mãos convulsas, e o nome da Mãi dos afflictos nos labios.

— Morreremos, meu pai?! — perguntou trespassada de horror.

— Animo! — murmurou elle — abraça-te em mim, que eu não quero chorar-te nem que me chores, filha... Morreremos juntos.

Em cima estrugia a celeuma dos marinheiros, o rojar rispido das amarras, os gritos, as supplicas, os apitos, o troar da peça que pedia soccorro, e o dos trovões, que reboavam, e um relampadejar que azulava os abysmos.

E, de subito, a galera, após aquelle repellão que lhe vibrou as cavernas, quedou-se arquejante, a roçar nos espigões da restinga.

E as vagas, raivando contra aquelle estorvo, galgavam-no rolando-se, refervendo e marulhando de um bordo a outro. O porão descosia-se, bebendo e golfando jorros de agua como o monstro dos mares escalavrado pelos arpéos.

O capitão, pallido mas sereno, debruçou-se no corrimão da camara, e disse:

— Encalhou a galera, snr. Duque. É tempo de sahir a terra.

— Nenhuma esperança? — perguntou o *Africano*.

— As vidas salvam-se... talvez...

— Só?...

UMA RECEITA

As cadeiras de couro. — Agora que está tanto em moda guarnecer algumas salas com as antigas cadeiras de couro, de pregaria dourada e alto espaldar, será bom saber-se o modo de as limpar. É muito simples. Bate-se muito muito bem batida uma clara de ôvo, e com essa clara de ôvo se esfrega o couro. Ficam como novas. Este mesmo processo se emprega para limpar outros objectos de couro, como biombos, carteiras, caixas, etc.

O «BRAGANÇA»

O illustre professor de mineralogia, sr. Alfredo Bensaude, publicou, com o titulo de *Diamante*, um interessante opusculo, em que faz um perfeito e curioso estudo d'esta valiosa pedra. Refere-se, no seu livro, aos maiores diamantes conhecidos na Europa, o *Kohinur*, que pertence á rainha de Inglaterra, o *Regente*, que é hoje propriedade da nação franceza, o *Orlow*, pertencente á corôa da Russia, e particularmente ao *Bragança*, que pertenceu á corôa de Portugal. Escreve a este respeito o insigne mineralogista:

«O *Bragança*, tambem conhecido pela designação de diamante do rei de Portugal, é o maior de todos sobre que se tem escripto. As indicações que ácerca d'elle existem são muito deficientes, e não obstante as indagações que fiz, não me foi possivel ainda encontrar pessoa alguma, que me fornecesse noticias precisas a seu respeito ou sobre a sua historia; e é de certo entre nós que menos d'elle se sabe. O facto de ter esta pedra pertencido á corôa portugueza justificar-me-ha de reunir aqui o mais importante do que nos livros ao meu alcance tenho encontrado sobre ella.

A primeira noticia impressa que conheço data de 1773 e encontra-se no livro de Urban Friedrich Benedict Brückmann, *Abhandlung von Edelsteinen*, 2.ª edição, Braunschweig. A pag. 88, diz-se: «Segundo consta, existe no thesouro do rei de Portugal um diamante, não talhado, do Brazil, que pesa 1680 quilates. Talvez haja aqui confusão de quilates com grãos.»

O celebre tratado de John Mawe, *A treatise on diamonds and precious stones*, London, 1812, tambem faz menção do Bragança, mas o auctor declara não o ter visto quando viajou no Brazil (1809-10), o que faz suppor que elle *sabia da sua existencia n'aquelle paiz na epoca da sua viagem*. E accrescenta que o não inclue na lista dos diamantes notaveis, porque tanto os mineralogistas como os joalheiros estão de accordo em o considerarem como um topazio branco achado nas minas de diamantes do Brazil. Pezava 1680 quilates.

Charles Barbot no seu *Traité complet des pierres précieuses*, Paris, 1858, escreve: «O maior de todos (os diamantes) é sem contestação possivel o diamante chamado do rei de Portugal... Peza, segundo Ferry, 1730 quilates, e 1680 segundo Mawe; nós acceitamos este ultimo pezo, como o mais provavel, visto que Ferry tomou, ao que parece, por unidade o quilate brazileiro, que é inferior de seis milligrammas ao europeu: reduzidas as duas pesagens a esta ultima unidade, concordam absolutamente entre si. O diamante é de côr amarella, e tem a fórma de um ovo de gallinha alongado: é concavo de um dos lados. Os diamantistas brazileiros avaliam-no, não obstante estes defeitos, em 7:500 milhões de francos (1.350:000 contos!).

N'esta narrativa ha pelo menos um erro, que é o de attribuir uma das pesagens a Mawe, que declara expressamente não ter visto o diamante. Mas, tambem a côr amarella que lhe attribue, não é a que indica Mawe, que escreveu no tempo em que diversos «mineralogistas e joalheiros» o tinham examinado.

Esta discordancia parece indicar que Barbot colheu estes dados de fonte diversa, que me é desconhecida, e que não copiou Mawe.

Harry Emanuel, no seu livro *Diamonds and precious stones*, London, 1865, copiou provavelmente Mawe; mas indica um peso de 1880 quilates em vez de 1680, o que é talvez devido a erro typographico.

Albrecht Schrauf no seu *Handbuch der Edelsteinskunde*, Wien, 1869, resume as indicações de Mawe.

Edwin W. Streeter *Precious Stones and Gems*, London, 1879. repete o que escreveu Mawe; mas indica uma avaliação do Bragança superior a 58 milhões esterlinos; accrescenta porém, que a avaliação seria illusoria se a pedra fosse, como elle julga, um topazio.

Em outro livro do mesmo auctor, *The Great Diamonds of the world*, etc. London, 1882, encontra-se um capitulo intitulado *The Braganza*. Citam-se n'elle passagens dos escriptos de Mawe (*Travels in Brazil*, London, 1813) mas que se referem evidentemente a outra pedra achada ao norte do Rio da Prata. O auctor desconhece as referencias ao Bragança que se encontram no tratado de pedras preciosas de Mawe, e chega finalmente á conclusão de que esta pedra deve ter sido achada em 1794: data sem duvida errada, porque de contrario, não viria citado o Bragança na 2.ª edição do livro de Brückmann, impressa 21 annos antes do supposto achado. Accrescenta ainda, que, segundo recentes auctoridades, nunca esta pedra deixou de fazer parte do thesouro portuguez, onde é cautelosamente guardada das vistas de todos, por obvias razões financeiras, pois que seria inconveniente para o credito do paiz que viesse a saber-se que não é um diamante valioso.

Com o extenso capitulo do livro de Streeter, que pretende ser rigoroso, mas em que abundam as citações fóra de proposito, nada se adianta no conhecimento da problematica joia e antes se criam novas causas de confusão.

Perguntou o homem rico; mas aquelle monosyllabo, estrangulado na garganta, rouquejou como um arranco da vida. *Só!* Só a vida? O meu suor de quarenta annos, os meus duzentos contos de réis não se salvam? Eu hei de sahir pobre d'entre esta riqueza que é minha, que é o repouso da velhice, o patrimonio de minha filha? *Só!*

E as lanchas, balançadas no vai-vem das ondas, chofravam nos flancos do navio por entre espadanas de espuma.

Deolinda atravessou corajosa, e firmada no braço do pai, até ao portaló. O *Africano* levava no rosto um terror indescriptivel, e nas contorsões e visagens de afflicção a agonia da peor morte.

E ella saltou de impeto ao escaler, apenas amparada na mão de um passageiro, que lhe disse:

— Adeus...

— Não vem? — perguntou ella.

— Primeiro hão de ir as crianças, as mulheres e os velhos.

Deolinda contemplou-o alguns momentos, e amparou-se na face do pai, onde as lagrimas derivavam copiosas.

Os escaleres vararam na areia, revessados no rolo da vaga. Estavam salvos os velhos, as mulheres e as crianças.

E, logo, os remadores intrepidos que outra vez se arrostavam com a morte, viram a galera a balouçar-se entre o vagalhão, e ouviram o estralejar do cavername por sobre os clamores dos naufragos; depois, levantou-se um grande mar, e a lancha ficou para além d'essa formidavel montanha; e, quando o escarcéo descahiu para solevar a barca, um momento quieta nas fauces da voragem, os mareantes já não viram da galera senão o gume da quilha, e á volta d'ella o bracejar dos agonisantes.

Um dos que alli morreram foi aquelle que, dando a mão a Deolinda, lhe dissera: «Adeus!»

Era um homem de trinta annos, bem figurado, ares de fina raça e maneiras de cortezão, com palavras polidas e muito alheias das usuaes nos homens que viandam por aquellas paragens. Não lhe sei o nome, nem que lh'o soubera o diria. Foi-lhe tumulo o mar, como se a sorte quizesse que o seu nome se não lesse em epitaphio. Sei que elle cumprira sentença de tres annos em Angola, porque aspirára ás honras de ser rico, sem escrupulisar nos meios. Tinham-lhe dito que os seus conterraneos mais nobilitados se haviam enriquecido, trocando as riquezas da sã consciencia por outras que levam ao inferno, é verdade, mas pelas portas do paraizo das regalias d'este mundo. Via-os saborearem-se em socego dos bens mal adquiridos, sem remorso que lhes desvelasse as noites, nem injuria da sociedade que lhes pozesse ferrete na testa; ao revez d'isso elles eram a classe mais ao de cima, a gente chamada ás honras, sem desconto na estupidez nem proterva reputação, quanto á procedencia de seus bens de fortuna.

Nascimento illustre, educação primorosa em letras, e bastante descuidada em moral, pobreza repentina por effeito de demandas que o esbulharam do patrimonio, impaciencia, ruins exemplos de infames pros-

O professor Cohen na sua memoria *Ueber Südafrikanische Diamantfelder*, Metz, 1883, attribue tambem ao Bragança um peso de 1680 quilates, accrescentando, todavia, que provavelmente é um topazio branco. Cita uma antiga avaliação em 1:200 milhões de marcos (270:000 contos), na hypothese de que seja um diamante; e accrescenta «parece que até agora se não permittiu um exame scientifico da dita pedra para não diminuir o credito do paiz.»

Diversas indicações se encontram ainda em varias outras obras, mas que pouco ou nada adiantam.

Pelo curioso livro do sr. F. da Fonseca Benevides, intitulado *As Rainhas de Portugal*, vol. 2.º, 1878, pag. 149, tivemos, porém, conhecimento de um documento manuscripto comprovativo da existencia do Bragança, que por acaso lhe veio ás mãos quando procurava na bibliotheca do Museu Britannico documentos para a sua obra. O texto manuscripto é destinado a servir de explicação a um desenho que representa o diamante, e (traduzido do inglez), diz o seguinte:

«O Diamante, *actualmente* em poder do Rei de Portugal; pesa 6:400 grãos — Valor 36 milhões de libras esterlinas segundo o preço de venda do diamante do fallecido Governador Pitt, sendo aquelle 14 vezes mais pesado do que este. A figura supra dá a sua secção media, e foi copiada de um papel em que se tinha feito o desenho á vista da propria pedra.

Foi achado por um camponez n'um rio do Brazil, na America, e levado ao Governador, o qual lhe offereceu a recompensa ordinaria de 100 libras esterlinas, concedida pela lei (de 24 de dezembro de 1734, segundo o sr. Benevides); mas o camponez preferiu fazer presente d'elle ao Rei de Portugal... 1741. Julga-se que é uma saphira branca, á qual se assemelha na dureza e no peso. Tem a fórma de um ovo de perua, mas é muito maior. Avaliado em 399:166 moedas (Moydores) = 538 874 libras e 2 sh.

Champion, 2 de fevereiro, 1741.»

Champion é evidentemente o jornal, ou revista, da qual o auctor do manuscripto extrahiu estes apontamentos, no proprio anno em que o diamante foi offerecido a D. João V. Em seguida a esta passagem vem explicada a regra dos quadrados, para se achar o preço de diamantes, exemplificada com dois calculos, que são obra do copista.

Este documento não é de muito valor, e, na presença de melhores, deveria mesmo desprezar-se.

Na Bibliotheca Nacional, na bibliotheca d'Ajuda e no archivo da casa real nada pude obter para esclarecimento d'este obscuro assumpto.

O enygma será provavelmente resolvido por pessoa que, por gosto ou por officio, folheie nos nossos archivos os documentos referentes aos reinados de D. João V a D. João VI, e ser-me-hia agradavel se esta incompleta noticia despertasse o desejo de resolvel-o. Como conclusão das diversas citações anteriores póde deduzir-se com certa probabilidade que o Bragança existiu em Lisboa, «na posse» de D. João V, em 1741, e que existiu no Brazil em 1809-10, quando Mawe viajou n'aquele paiz. Provavelmente foi levado para aquella nossa antiga colonia por D. João VI (quando ainda principe regente), por occasião da invasão franceza em 1807, junto com muitas outras preciosidades que lá ficaram ou se perderam.

Qual a sua historia depois d'esta data? Não parece ter voltado do Brazil, visto que não encontrei menção d'esta pedra no inventario das joias feito por morte de D. João VI e de que se acha o original na Torre do Tombo, mas tambem não consta que exista no Brazil.

Fica igualmente por averiguar se o Bragança é ou era um diamante ou outra pedra o que só á vista se poderia verificar.

Anniversarios da semana

Domingo 26 — As sr.as: D. Martha Amalia Machado de Castello Branco (Figueira), D. Guilhermina Sophia Sassetti, D. Virginia Augusta Montenegro, D. Henriqueta Adelaide Tinoco da Silva Carvalho, D. Sophia de Mello e Castro.

E os srs.: Barão de Guadeluppe, Conselheiro José Ferreira Pestana, Dr. José Maria da Cunha Seixas, Jayme de Seguier.

Segunda-feira 27 — As sr.as: Condessa de Sobral (D. Francisca), D. Camilla de Araujo Rangel Van-Zeller, D. Maria Herculana d'Almeida Portocarrero, D. Julia Alves Ribeiro, D. Maria das Dores de Saldanha de Sousa Menezes, D. Margarida das Dores Godinho Brandão Perestrello (Balsemão), D. Angelina Augusta Ramos Valdez (Bomfim), D. Maria de Pillar Maia de Castello Branco, D. Lidia Leal Pereira da Silva (Calvario).

E os srs.: Conde de Tarouca, Conselheiro José Baptista de Andrade, Francisco Infante de Lacerda (Saboroso), Simão Infante de Lacerda (Saboroso), Christovam Ayres, Frederico Teixeira de Sampaio, José Gonçalo Vaz de Carvalho (Monção), Ascenso Antonio de Siqueira Freire (S. Martinho), João Maria da Camara Berquó.

Terça-feira 28 — As sr.as: Viscondessa de Seabra, D. Maria da Piedade Affonso Taibner de Moraes, D. Carolina Ribeiro, D. Amelia Vasconcellos Sarmento.

E os srs.: Conselheiro Bernardino Luiz Machado Guimarães, D. Francisco d'Assis e Almeida, Dr. Adriano Accacio de Moraes Carvalho, Eduardo Ernesto Castello Branco.

Quarta-feira 29 — As sr.as: D. Maria Luiza de Castro de Vasconcellos e Almeida, D. Beatriz Loureiro, D. Mathilde de Seabra Mousinho de Brito.

E os srs.: D. José d'Alarcão, João Baptista da Silva Lopes Junior.

Quinta-feira 30 — As sr.as: D. Maria Angela de Seabra Mousinho, D. Malvina Colomer, D. Anna Rita Gonçalves Franco.

---

perados — todas estas cousas se travaram de mão para o perderem. O seu crime foi associar-se desaproveitadamente com moedeiros falsos, prestando-se a servir de passador de notas no Brazil; no acto, porém, de fazer-se á vela para lá, de um porto do archipelago açoriano, foi denunciado, preso, e condemnado.

De volta para Portugal, foi visto por Deolinda a bordo da galera de seu pai, que o tratava com desdem, senão desprezo. A filha do negreiro — negreiro no começo da vida mercantil, mas depois (bemdita seja a civilisação!) philanthropo seguidor das leis humanitarias impostas pelo cruzeiro — soube de seu pai o crime do passageiro, e não se compenetrou do racional horror de tamanho delicto. Bem que o condemnado não ousasse abeirar-se dos mercadores, e menos d'ella, Deolinda usou traças de conversar com elle uma fugitiva hora de noite serena, em quanto o pai, no seu camarim, formava esquadrões de algarismos, dos quaes tirou a prova real de que os seus haveres excediam para muito os duzentos contos que lhe attribuiam.

Desde essa hora da noite estrellada em que ella ouvira palavras nunca ouvidas, accendeu-se no coração combustivel da mulata o fogo que costuma purificar as culpas do homem amado, tanto monta que elle seja moedeiro falso, como homicida, quer negreiro, quer ladrão de encruzilhada.

E elle soube que era amado d'aquella mulher que havia de herdar muito ouro, e nem por isso lhe deu o galardão de ter descido até ao pobre estigmatisado para sempre. Nem palavra de humildade agradecida, nem de animo alvoroçado por esperança de ser, a um tempo, amado e rico. Deolinda ousou arguil-o de frio e desdenhoso. Elle explicou docemente a sua frialdade, dizendo que só havia no mundo uma mulher que não devia desprezal-o, e uma só a quem elle devesse amar sem pejo nem temor de ser repellido.

— Quem é? — perguntou ella em sobresalto.

— É minha mãi. Vou procural-a, e pedir-lhe perdão, porque puz a minha ignominia á cabeceira do seu leito de moribunda. Se a não mataram vergonhas e saudades, é porque Deus quer que eu a veja.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

(Continúa.)

E os srs.: José Maria Tavares Teixeira, Augusto Henriques Ribeiro de Carvalho.

Sexta-feira 31 — As sr.as: Viscondessa de Veiros, D. Guiomar da Costa Vilhena, D. Maria Francisca de Mello Almada, D. Maria Emilia Bessa Forbes, D. Emilia Augusta de Mello, D. Luiza Ennes, D. Maria Francisca de Ornellas Bruges, D. Marianna Sequeira Feyo.

E os srs.: Marquez da Graciosa, Conde de S. Januario, Conselheiro Antonio Candido Ribeiro da Costa, D. Augusto Eduardo Nunes, Francisco da Graça Mattoso Pereira Côrte Real.

Sabbado 1 — As sr.as: Condessa de Pombeiro, D. Anna Freitas Perestrello, D. Leonor Maria Manuel de Vilhena (Alpedrinha), D. Alda Ferreira da Silva.

E os srs.: Marquez de Vagos, Joaquim Simões Ferreira, José Ferreira Borges.

EPHEMERIDES SEMANAES

19 — SS. MM. vão ás Caldas da Rainha inaugurar o novo hospital de S. Izidro, e lançar a primeira pedra para um novo hospital balnear.

— O comboio real descarrilla em Campolide, atrazando a viagem de SS. MM. duas horas.

— Canta-se pela primeira vez em S. Carlos a opera de Wagner: *Tannhauser*.

20 — O *Diario do Governo* publíca o decreto creando commissões districtaes para a avaliação dos predios rusticos e urbanos.

21 — Recepção de gala no paço das Necessidades, e recita de gala em S. Carlos, por ser o anniversario natalicio de S. A. o Principe Real.

22 — Realisa-se a vistoria official ao elevador da Graça.

— Canta-se pela primeira vez em Turim a opera: *Irene*, do maestro portuguez Alfredo Keil, obtendo este um grande triumpho.

23 — Morte do conselheiro Manuel da Assumpção.

— S. M. El-Rei dá audiencia á commissão do Porto que vem entregar-lhe uma representação pedindo providencias para os estabelecimentos bancarios d'aquella cidade.

24 — Installa-se a commissão da reforma administrativa, de que fazem parte os srs. Conde de Ottolini, Lopes Vieira, Alvaro Possolo e Jacintho Candido.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

S. Carlos

A primeira representação do *Tannhauser*, de Wagner, attrahiu no domingo a mesma affluencia de espectadores, que se notou nas representações do *Lohengrin* e do *Navio Phantasma*.

Vê-se que os frequentadores do nosso theatro lyrico, apesar de, por educação e por temperamento, se deleitarem mais com a muzica melodica da escola italiana, accodem a ouvir as obras do notavel compositor allemão, e procuram apreciar-lhes as bellesas, algumas das quaes tão ainda inaccessiveis a espiritos menos cultivados. Mas nem é para extranhar que as operas allemãs não sejam ainda entre nós acolhidas com o fervoroso enthusiasmo com que o são nos principaes theatros do norte da Europa. A attenção com que já são ouvidas, os applausos com que são assignalados os mais formosos trechos, mostram a boa disposição do publico para o genero da muzica de Wagner, e fazem prevêr que dentro de poucos annos o grande compositor allemão terá conquistado em Portugal a mesma sympathia que hoje tem, por exemplo, em França. onde, a principio, foi combatido e apreciado com motejos. E é precisamente na conquista que a muzica de Wagner fez em França que mais se deve avaliar o triumpho do grande talento do compositor allemão. Demonstra-o a apreciação dos homens mais notaveis da litteratura franceza. Nas folhas dispersas de um album, publicadas recentemente pela *Revue illustrée*, quasi todos os escriptores e artistas francezes de mais reputação, quando são interrogados sobre os compositores que mais admiram e preferem, citam sempre, entre outros, o nome de Wagner. O talento triumphou ali mais uma vez das rivalidades de raça e das hostilidades politicas.

Entre nós, a acceitação da musica allemã tem-se revellado no interesse com que o publico assistiu agora á representação das tres operas de Wagner, e no praser com que foi ouvir os concertos de musica de camara, que nos outros annos se realizaram no salão de D. Maria e no salão de S. Carlos.

O desempenho do *Tannhauser*, se não foi tão primoroso como seria para desejar, ainda assim satisfez aos mais exigentes.

A sr.a Arkel, apesar de ligeiramente enferma, revellou mais uma vez as suas superiores qualidades artisticas e a comprehensão que tem d'aquelle genero de muzica.

O tenor Metellio, que n'esta opera tem um trabalho difficil, cantou muito bem o recitativo do primeiro acto; e o barytono Kashmann, cujos recursos artisticos foram já n'outras epochas tão lisongeiramente apreciados no nosso theatro, confirmou agora a sua reputação, cantando d'um modo correctissimo toda a sua parte.

Os outros artistas concorreram para o exito da representação.

Na seguuda-feira e na recita de gala do dia seguinte cantaram-se os *Puritanos*.

Foi a Regina Pacini que couberam as honras da noite. Cantou, como sempre, primorosamente, e foi alvo de uma merecida ovação.

É na segunda-feira que se realisa a festa artistica de Regina, sendo o espectaculo constituido dos trechos muzicaes mais predilectos da gentil cantora.

O famoso astronomo Neherlesoom não prevê nem annuncia com mais certeza os dias de sol radiante, do que nós prevemos e annunciamos o esplendor da festa artistica de Regina. Palmas, bravos, flores, prendas, de tudo deve haver n'essa noite, em homenagem á notavel artista portugueza.

D. Maria

Teem continuado em scena os *Velhos*.

Na ultima recita de assignatura fez-se *reprise* do *Intimo*, de Scewalbach, que foi mais uma vez muito applaudido.

Na sexta-feira com o *Tio Milhões* fez a distincta actriz Lucinda do Carmo o seu beneficio, sendo muito victoriada pelos seus admiradores.

Colyseu dos Recreios

O beneficio do empresario d'este circo que se realisou na quinta feira attrahiu uma concorrencia de mais de sete mil pessoas. Camarotes, cadeiras, galerias, e *promenoir*, tudo estava occupado, vendo-se, entre os espectadores, muitas familias da primeira sociedade.

O espectaculo era attrahente. N'aquella noite, os outros circos Real Colyseu e Piatti, estiveram fechados, e os artistas que n'elles trabalham tinham ido tomar parte na funcção do Colyseu dos Recreios. Viam se por isso, alem dos artistas da casa, a elegante amazona Baroneza de Radhen, que montou airosamente o seu cavallo pigarço, a formosa Geraldine, que atirou ao alvo, os *clowns* Tonino e Martinette, que provocaram continuas gargalhadas.

Tambem entrou no espectaculo a famosa Chiquita. Com um enorme chapeu *fin de siècle*, feito de escumilha preta e guarnecido de lentejoulas douradas, *maillot* côr de carne que lhe contornava fielmente as formas, a endiabrada cantora foi muito applaudida, principalmente quando disse a *Baiadère de la rue du Caire*. A voz da cantora, o olhar os gestos, o menear lento da cintura, imitando as voluptuosas dansas do Oriente, tudo isso provoca o mais vivo enthusiasmo nos espectadores, que applaudem Chiquita com palmas calorosas, soltando algumas exclamações, como as que deveriam ter proferido, no meio do seu espanto, os severos juizes da Biblia, ao surprehenderem no banho a formosa e casta Suzana!

Nos outros theatros continuaram os espectaculos já conhecidos.

SPECTATOR

Typ. Christovão—R. de S. Paulo, 60 e 62.

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio.** **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1